

UM OLHAR CURRICULAR EM DANÇA: UMA FORMAÇÃO QUEER?!

Leonardo dos Santos Silva¹ - UFBA

Dança-Educação: desafios na contemporaneidade

RESUMO:

O presente trabalho busca, na sua composição, entender como os currículos, nos seus processos de constituição podem inserir assuntos prementes, como gênero e sexualidades, nas graduações em Dança. O corpo como produtor de questões torna-se lugar de encontros entre epistemologias potentes, a partir das suas complexidades. Para tal, a intersecção com as questões do corpo, da Teoria Corpomídia, da Pedagogia *Queer*, das identificações de gênero e possibilidades de sexualidade e os estudos da estruturação dos currículos das graduações em Dança no Brasil, foram indispensáveis para uma interlocução com os assuntos abordados e na proposição de entender uma docência atualizada e conectada com questões urgentes.

PALAVRAS - CHAVE: Currículo; Formação em Dança; Gênero e Sexualidades; Pedagogia *Queer*.

A formação de um/a professor/a licenciado/a, passa por diversas características de regulação do Estado, que muitas vezes como resposta à sociedade, propõe e/ou normatiza ações formativas-educativas em Instituições de Ensino Superior (IES). A partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Dança (DCNs), promulgadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) através da Câmara de Educação Superior (CES), em 2004, algumas características se tornam substanciais para a formação de um profissional de nível superior em Dança (MOLINA, 2008). Dentro desses parâmetros cada IES tem garantida a construção de estruturas curriculares de forma que se adeque aos aspectos sociais, econômicos e culturais dos locais onde estão inseridas². Com base nos estudos de Alexandre Molina (2008) sobre a formação dos cursos superiores em Dança no Brasil, suas demandas burocráticas e seus processos políticos, no que se refere à abrangência dos cursos no país e de campo de mercado de trabalho para os/as formados/as faz-se importante reler os itens das DCNs com o enfoque em uma proposição curricular que leve em conta a Teoria *Queer*³. A Teoria *Queer* surge como forma de agrupar diversas discussões epistemológicas (questões étnico-racial, gênero, sexualidades, por exemplo), que tratavam de forma contínua, mas

¹ Mestrando no PPGDança, da Universidade Federal da Bahia, Bolsista CAPES. Orientação: Prof.^a Dr.^a Lenira Peral Rengel. E-mail: ssantosleonardo90@gmail.com

² Questões como duração de curso, estruturação curricular, habilidades desenvolvidas no percurso acadêmico, são alguns dos parâmetros desenhados na Resolução do Conselho Nacional de Educação, de 2004. Ver também em Molina (2008)

³ “Em teoria, queer está incessantemente em desacordo com o normal, a norma seja a heterossexualidade dominante ou a identidade gay/lésbica. É categoricamente excêntrico, a-normal” (SPARGO, 2017, p. 33)

separadamente, problematizações sobre os corpos. Assim, busca nas suas abordagens entender os processos de regulação e de estigmatização dos corpos, reforçados pela ideia de anormalidade. Todas as pessoas fora dos padrões estabelecidos pelas sociedades, eram (e são) consideradas não-normais, incluindo pessoas que saem do binarismo homem-mulher e as não-heterossexuais.

Ao entender o corpo como “produtor de significados factualmente contextualizados pelos múltiplos instantes que são valorizados indistintamente num processo de trocas evolutivas” (SETENTA, 2008, p.39), bem como entender que das relações urgentes e específicas, se “produz signos que são sempre culturais, se organizam em sistemas complexos e sobrevivem exatamente da possibilidade de acordos e negociações” (Idem), se faz indispensável uma indicação curricular em cursos de graduação – e em especial nas habilitações em licenciatura – para debates sobre gêneros e sexualidades. Portanto, é pertinente afirmar que abordagens contemporâneas em Dança, reforçadas pelo entendimento de corpo como “corponectivo” – atribuição à tradução de *embodied*, na qual corpo e mente não se separam, já são integrados (RENGEL, 2015, 2007) – por serem compreendidas como tal, mostram que aspectos emergentes do corpo (e da sociedade) são absorvidos sem discussões amplas dentro de composições curriculares.

É observável pela produção em Dança, notadamente nas criações artísticas, uma aproximação com os questionamentos acerca das identidades de gênero e das sexualidades. Contudo, no campo da pesquisa acadêmica (graduação, pós-graduação *lato sensu* ou *stricto sensu*) são poucos os indicativos de problematização dessas questões. Buscaremos relacionar alguns aspectos da Teoria do Corpomídia (KATZ e GREINER, 2005) a algumas proposições para uma pedagogia com indicativos *queer*. A teoria Corpomídia, desenvolvida pelas pesquisadoras Helena Katz e Christine Greiner (2005) ao concluir que não há um corpo receptivo, mas sim um corpo em constante transformação na sua relação com o ambiente mostra que:

É a implicação do corpo no ambiente, que cancela a possibilidade de entendimento do mundo como um objeto aguardando um observador. Capturadas pelo nosso processo perceptivo, que as reconstrói com perdas habituais a qualquer processo de transmissão, tais informações passam a fazer parte do corpo de maneira bastante singular: são transformadas em corpo. Algumas informações do mundo são selecionadas para se organizar em forma de corpo – processo sempre condicionado pelo entendimento de que o corpo não é recipiente, mas sim aquilo que se apronta nesse processo co-evolutivo de trocas com o ambiente. (KATZ e GREINER, 2005, p. 130)

Uma pedagogia com indicações *queer*, pensará em estratégias que problematizem questões que já se encontram nos espaços educativos, constituindo investigação indelével para as graduações em Dança. O currículo entendido como “um elemento da organização do processo educacional, um olhar atento sobre sua articulação dentro do próprio sistema educativo pode localizá-lo como mediador na interação entre política educacional e os anseios da sociedade” (MOLINA, 2008, p.58) provoca não só proposições atualizadas sobre algumas problemáticas, mas colabora para o reconhecimento de tais questões nos espaços de formação de docentes. Considerar que são em instrumentos educacionais, como o currículo, que estão inscritas oportunidades de acesso à conteúdos de formação docente abrangentes, como gênero e sexualidades, é permitir que os (novos) arranjos educativos sejam relevantes para agenciamentos em ambientes heteronormativos⁴, como os de ensino/aprendizagem. Essas articulações devem permear todo o período de formação, não só em relação às questões em discussão, mas também porque a tradução de tais abordagens poderá ser determinante para uma docência capaz de potencializar a ideia de corpoambiente, de forma ampla e dinâmica. Considerar que os aspectos externos (ambiente) são, também, constituintes das ações corporais (como um arrepio decorrente de um sopro) implica compreender que atos de violência (verbal/física), preconceitos e exclusão, regulam corpos, produzindo conflitos entre o educar/ensinar Dança, pois,

Quando não investe na formação adequada do profissional, o resultado do seu trabalho corre o risco de ser ineficiente, o que poderá ampliar ainda mais a lacuna entre a demanda da área e a formação de profissionais qualificados para atuar neste mercado de produção e proliferação artística. (MOLINA, 2008, p.44)

Ao estabelecer conexões entre os estudos em Dança e uma pedagogia com pensamento *queer*, a formação de um profissional com bases sobre questões de gênero e sexualidades (que possuem vasto arcabouço teórico) fortalece não só uma (re)ação formativa mais completa, mas também cria possibilidades de posicionamento eficiente nas esferas de trabalho. Nessa articulação

o processo de formação de professores de Dança se caracteriza como um campo híbrido, no qual as tensões entre formação geral e formação específica reverberam na atuação destes profissionais e nas suas respectivas atividades. Há, portanto, um caminho de mão dupla: o profissional modifica o meio, que por sua vez também modifica o profissional. Desta

⁴ A heteronormatividade “descreve a tendência, do sistema sexo-gênero ocidental contemporâneo referente de enxergar as relações heterossexuais como a norma, e todas as outras formas de comportamento sexual como desvios dessa norma.” (SPARGO, 2017, p. 53)

forma, as instituições e suas estratégias de formação profissional não podem fechar os olhos para estas características de hibridação e permeabilidade disciplinar entre áreas distintas de conhecimento como a Dança e a Educação. (MOLINA, 2008, p.45)

Por mais que no campo da Dança se procure não fazer processos discriminatórios, por todo o discurso relacional (corponectivo), a sociedade em que estamos inseridos potencializa os processos de discriminação por gêneros e sexualidades. Ações deterministas, como “meninas dançam balé” e “meninos jogam futebol”, mesmo que em constante declínio, ainda se mostram eficientes no pouco acesso de homens cis⁵ e heterossexuais às aulas de dança (especialmente em expressões como o balé clássico e a dança do ventre, por exemplo) ao problematizar a sexualidade a partir da prática de corpo pretendida. O preconceito estabelecido para os homens que dançam, está inserido dentro da ideia de normatização de Foucault (1999): “é o que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer disciplinar quanto a população que se quer regulamentar” (FOUCAULT, 1999, p. 302); e está relacionada com os dispositivos⁶ históricos de poder – o poder que não é centralizado e inerte, assim como as ações de contaminação corpoambiente. Neste sentido podemos perceber que “através de múltiplas estratégias de disciplinamento” (LOURO, 2000, p. 28) são fortalecidos discursos sobre uma “pedagogização dos corpos” (LOURO, 2000) que se não problematizados contribuem para uma cultura dos silenciamentos.

Com a inscrição destas demandas pedagógicas nos currículos de Dança, principalmente nas licenciaturas (que são os cursos que promovem formação de professores para o ensino básico), tornam-se urgentes e transformadoras estratégias para resoluções a curto, médio e longo prazo de segregação identitárias, mesmo diante de reações políticas contrárias (PARÁISO, 2018). Portanto compor novos currículos, ainda que em territórios complexos, não escapa da transitoriedade cultural e social e das reverberações que as fissuras (corpos não conformes) provocam nas sociedades. Embora estejam em território de normatização e procedimentos de regulação (como os ambientes educacionais e a Dança) os currículos são passíveis de mudança, especialmente se potencializados pelas conexões que podem ser construídas durante a vida. Ao nos “conhecermos como seres corponectivos, está nos conhecermos como sendo e estando corponectivos com o entorno que, não está só em volta, nos perpassa completamente, multidimensionalmente. Nossa

³ O homem ou mulher cis, são sujeitos que nas esferas cognitivas e sociais se identificam com o corpo fisiológico com qual nasceram.

⁶É “um conjunto decididamente heterogêneo, que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais [...] Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 1993, p.244)

corponectividade é parte da corponectividade do mundo.” (RENGEL, 2007, p.47)

Referências

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior. Resolução nº 3 de 2004. *Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em dança e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 12 de março de 2004, Seção 1, p. 11.*

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

KATZ, H.; GREINER, Christine. *Por uma teoria do corpomídia ou a questão epistemológica do corpo*. In: GREINER, Christine. *O corpo: pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo: Annablume, 2005.

LOURO. Guacira L. *Pedagogias da sexualidade* IN: LOURO, G.L. (org.) *O corpo educado. Pedagogias da Sexualidade*, 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MOLINA, Alexandre José. *(Im)pertinências curriculares nas licenciaturas em dança no Brasil*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, 2008.

PARAÍSO, Marlucy Alves. *Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção política com gênero e sexualidades em tempo do slogan “ideologia de gênero*. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (Org.) *Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades*. Belo Horizonte: Mazza, 2018, p. 199 – 218

RENGEL, Lenira. *Ensino/aprendizagem em dança como emergência do procedimento metafórico do corpo*. IN KATZ, Helena e GREINER, Christine. *Arte & Cognição – corpomídia, comunicação, política*. São Paulo: Annablume, 2015.

RENGEL, Lenira Peral. *Corponectividade. Comunicação por procedimento metafórico nas mídias e na educação*. 2007. 169 p. São Paulo: PUC, 2007. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007

SETENTA, Jussara Sobreira. *O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade*. Salvador: EDUFBA, 2008.

SPARGO, Tamsin. *Foucault e a Teoria Queer*, seguido de *Ágape e êxtase: orientações pós-seculares*. Tradução Heci Regina Candianni; posfácio Richard Miskolci. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.